

# Algumas Implicações Pedagógicas para um Currículo de Educação Cristã

Prof<sup>a</sup>. Marilda Rios Martins

As preocupações com a organização das atividades educacionais e, mesmo com o que ensinar, já existe há bastante tempo. É certo também que mais diversas filosofias educacionais em diferentes épocas, mesmo quando o campo do currículo ainda não se tornara especializado, de alguma maneira transitaram neste território e fizeram especulações sobre currículo.

As primeiras referências à expressão currículo: alguns estudos apontam que o contexto do surgimento da expressão currículo é identificado com a Reforma Protestante do final do século XVI, mais especificamente com o Calvinismo. Possivelmente, o termo teria sido utilizado em 1582, nas escriturações da Universidade de Leiden (Holanda), mas o primeiro registro que dele se constata é o de um atestado de graduação outorgado a um mestre da Universidade de Glasglow (Escócia), em 1663 (SAVIANI, 1994:39).

Berticelli (2001) sugere que se compreenda o currículo a partir de uma concepção dinâmica. E isso só é possível quando sociedade e currículo são pensados conjuntamente.

O currículo não é um instrumento passivo, mas uma força para legitimar as ideologias e os sistemas sociais e econômicos. A educação não se faz de práticas neutras; conseqüentemente o currículo não possui neutralidade. Ambas são apoiadas em um sistema de crenças e valores e têm direções que apontam para determinados resultados.

Os estudos mais específicos sobre o currículo tiveram início nos Estados Unidos, na década de 1920. Os movimentos migratórios e o amplo processo de industrialização gerou a necessidade de mais escolarização o que repercutiu diretamente nos currículos (BOBBITT, *The Curriculum* 1918). O modelo institucional dessa concepção de currículo é a fábrica. A inspiração “teórica” é a “administração científica” de Taylor (alunos vistos como produtos de fábrica) procedimentos e métodos com vistas a alcançar resultados que pudessem ser medidos.

No Brasil a influência americana no campo do currículo é marcante.

É inegável o caráter conservador presente nas idéias de Bobbitt. Por outro lado, é importante considerar a existência de outras vertentes mais progressistas, como a que foi liberada por John Dewey (sua preocupação centrava-se muito mais na construção da democracia do que no funcionamento da economia).

Os estudos sobre currículo na perspectiva de organização e desenvolvimento se consolidaram por volta de 1949, através de Ralph Tyler que também atribuiu ao currículo uma questão técnica.

O Brasil sofreu ... sofre... esta influência durante as quatro décadas seguintes... e até hoje... (Lei nº 5692/70).

Formulação precisa, detalhada e comportamental dos objetivos → suporte / psicologia da aprendizagem.

Tyler é considerado ateórico e acrítico por vários autores. As tendências tecnicistas se desenvolvem sobre esta postura.

Estes modelos de currículo formaram uma espécie de reação ao currículo humanista<sup>1</sup> que dominara a educação desde que ela foi institucionalizada.

---

<sup>1</sup> Do paradigma “dogmático” ou “tradicional”.

O currículo humanista era herdeiro das chamadas “artes liberais” da antigüidade clássica e que era desenvolvido na forma dos chamados *trivium* (gramática/retórica, dialética), *quadrivium* (astronomia, geometria, música e aritmética).

Era um currículo disciplinar definido. Nas teorias tradicionais os professores são proprietários do saber que é transferido para os alunos. O conhecimento está pronto, é verdadeiro. O aluno é passivo. Aprendizagem mecânica. Utiliza muito a memorização. O professor deve dominar os conteúdos das disciplinas. É a fonte de informação e conhecimento.

As teorias tradicionais estavam mais preocupadas com a questão de como fazer o currículo. As teorias críticas estavam mais preocupadas com o quê o currículo faz... Considera o contexto vivido tanto pelos estudiosos do currículo, quanto pela escola, os educadores e a própria sociedade.

A década de 60 - período conturbado e de grandes transformações:

- Movimento de independência das antigas colônias européias;
- Protestos estudantis na França e em vários outros países;
- Continuação dos direitos civis nos Estados Unidos;
- Protestos contra a guerra no Vietnã;
- Os movimentos de contracultura;
- O movimento feminista;
- As lutas contra a ditadura militar no Brasil.

É significativo observar também que desse período em diante o pensamento e a estrutura educacional tradicionais, passaram a ser questionados de maneira contundente em diferentes países.

O movimento de Reconceptualização que teve sua origem na literatura estadunidense e a nova Sociologia da Educação que surgira na Inglaterra. O sociólogo inglês Michel Yong. No Brasil o educador Paulo Freire, especialmente a “Pedagogia do Oprimido” que buscava responder: o que aprender? O que significa conhecer? Propõe o conceito de educação “problematizadora” indicando uma compreensão radicalmente diferente do que significa conhecer.<sup>2</sup> Criticando a “educação bancária” dos métodos tradicionais.

Na França os sociólogos Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, entre outros o filósofo Louis Althusser - iriam fornecer as bases para as críticas marxistas da educação - teorias da reprodução social que pertence ao grupo das teorias críticas. As teorias da Reprodução Social admitem a dependência da educação em relação a sociedade, como um dos aparelhos de reprodução a escola e a educação centram-se na reprodução da cultura dominante, Teoria da Reprodução Cultural. Significa dizer que “a cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de agir. Na medida em que esta cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural”. (SILVA, 2000: 34)

As teorias de Reprodução Cultural procuram desenvolver questões relacionadas à consciência e à cultura e a importância do contexto histórico. Essas teorias contribuíram para a crítica à teoria tradicional. As teorias críticas são “teorias da desconfiança, questionamento e transformação radical”. (SILVA, 2000: 30)

Um grupo de intelectuais liderados por William Pinar do qual resultou a I Conferência sobre o Currículo que aconteceu na Universidade de Rochester em Nova York (1973). Eram os reconceptualistas contrários a concepção técnica de Bobbitt e Tyler - modelo tradicional que tinha por base ensino - produto/ensino neutro.

---

<sup>2</sup> Do paradigma “libertário”.

Michael Apple é um dos precursores da crítica marxista em relação às teorias tradicionais do currículo e ao seu papel ideológico. Apple pergunta por quê? Em vez de como? Por que selecionar determinados conteúdos em detrimento de outros? Conhecimento de quem? Que relações de poder são envolvidas nas seleções de conteúdos? A nova Sociologia da Educação preocupa-se com o papel do currículo na produção das desigualdades sociais. A NSE Michael Young (Inglaterra) a principal contribuição “era a das conexões existentes entre o currículo e poder, entre organização do conhecimento e a distribuição do poder.” (SILVA, 2000: 67)

### TEORIAS PÓS-CRÍTICAS DO CURRÍCULO<sup>3</sup>

Vários olhares, diferentes caminhos, pluralidade, que tem dois ou mais sentidos diferentes; não definido, contemporâneo, incertezas...

Os conceitos mais utilizados para este momento histórico: identidade, alteridade, diferença, subjetividade, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade, multiculturalismo. Cada um destes conceitos trazem em si discursos e esses discursos revelam concepções.

As teorias pós-críticas estão difundidas em muitos lugares. E discutem a crítica pós-estruturalistas, o pós-modernismo, e ainda os estudos pós-colonialistas são alguns exemplos do amplo e complexo conjunto de estudos existentes.

Os estudos culturais (Inglaterra) - 1964) pretendeu que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social. Tem na cultura um de seus pilares de sustentação. O que tem sido a maior preocupação desta tendência pedagógica estão na “conexão entre cultura, significação, identidade e poder”.

Foucault - seus estudos na questão do poder são decisivos na análise dos fenômenos sociais.

Não é possível pensar o currículo desvinculado de questões culturais, principalmente quando perguntamos: Currículo para quem? (BERTICELLI, 2001)

As teorias pós-críticas continuam a dar ênfase no fato de que não podemos ver o currículo sem considerar as relações de poder que o envolvem. Como nos diz Silva: “Num mundo social e cultural cada vez mais complexo, no qual a característica mais saliente é a incerteza e a instabilidade; num mundo atravessado pelo conflito e pelo confronto; num mundo em que as questões da diferença e da identidade se tornam tão centrais; é de esperar que a idéia central dos estudos culturais possa encontrar um espaço importante no campo das perspectivas sobre currículo”. (SILVA, 2000:137).

Currículo Oculto - diz respeito à distribuição implícita de normas, valores e tendências que se consolidam na vida através da rotina ... memória... (seria este o que os judeus mais utilizam?).

O que separa as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas do currículo é a questão do poder. As teorias tradicionais mostram-se neutras.

As teorias críticas e pós-críticas estão preocupadas com as inter-relações entre saber, significado, identidade e poder.

Concluindo estas considerações citaríamos Antônio Nóvoa: “Precisamos reconhecer, com humildade, que há muitos dilemas para os quais as respostas do passado já não servem e as do presente ainda não existem. Para mim, ser professor no século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural”. (NÓVOA apud FERRAZ, 2002:185)

Na seguinte tabela oferece-se um resumo da transição do paradigma pedagógica anterior para o atual:

---

<sup>3</sup> O construtivismo ou sócio-construtivismo a partir dos 1980s? Vygotsky.

<b>Anterior</b>	<b>Atual</b>
Pergunta como se ensina	Pergunta como o aluno aprende
O conhecimento se transfere	O conhecimento se constrói
O aluno é passivo	O aluno é agente ativo do aprendizado
O conhecimento está pronta, verdade absoluta	O conhecimento é dinâmico e provisório
O conhecimento é desvinculado da realidade	O conhecimento é contextualizado e relativo
A aprendizagem é mecânica e efêmera	A aprendizagem tem vida e significância
Cogita disciplinas	Cogita interdisciplinariadade, transversalidade
O objetivo da educação está nos conteúdos	O objetivo é habilidades, competências, valores
O professor é a fonte da informação	As fontes são livros, CD's, DVD's, internet, ...
O professor é o transmissor do conhecimento	Professor mediador entre aluno e conhecimento
O professor deve dominar o conteúdo da área	Professor especialista no processo de aprendizagem

### **BIBLIOGRAFIA:**

BERTICELLI. 2001.

BOBBITT. *The Curriculum*. 1918.

NÓVOA apud FERRAZ. 2002.

SACRISTAN, Gimeno. *Um só conceito ou diversas concepções de currículo?* 4ª ed. Artes Médicas, 1998.

SAVIANI, Nereide. *Saber escolar, currículo e didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

SILVA, Tomas Tadeu da. (org.) *Currículo, Cultura e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

YOUNG, Michael F. D. *O currículo do futuro: da nova sociologia da educação a uma teoria crítica do aprendizado*. Campinas: Papirus, 2000.